



## OS PRIMEIROS ANOS DO CINEMA PERMANENTE EM PIRAPORA, NORTE DE MINAS GERAIS (1912-1914)

THE FIRST YEARS OF PERMANENT CINEMA IN PIRAPORA,  
NORTH OF MINAS GERAIS, BRAZIL (1912-1914)

Jailson Martins Lopes<sup>1</sup>  
Daniel Venâncio de Oliveira Amaral<sup>2</sup>  
Fábio Santana Nunes<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo almeja investigar os primeiros anos de funcionamento do cinema permanente na cidade de Pirapora. De forma mais detalhada, busca-se examinar as primeiras casas cinematográficas, os antecedentes, as variáveis influenciadoras e o funcionamento dos primeiros espaços especializados em exhibições filmicas na sede piraporense entre 1912 e 1914. Como método, foram analisadas reportagens e propagandas do jornal *O Pirapora*, publicado na localidade homônima e disponível para consulta no *site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*. Combinado a isso, analisamos documentos censitários do governo de Minas Gerais, cartazes de exhibições de filmes e fotografias. Como resultado, temos a ocorrência de mais de um cinema permanente no período estudado. Os principais gêneros cinematográficos projetados consistiam em artes, comédias, dramas, programas infantis e vistas naturais.

**Palavras-chave:** história; cinema; Pirapora.

### ABSTRACT

This article aims to investigate the first years of operation of a permanent cinema in the city of Pirapora. In a more detailed way, it seeks to examine the first cinemas, their antecedents, their influencing variables and the operation of the first spaces specialized in film exhibitions in the city between 1912 and 1914. As a method, we analyzed reports and advertisements from the newspaper *O Pirapora*, published in the homonymous city and available for consultation on the website of the *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*. In addition, we analyzed census documents from the government of Minas Gerais, film exhibition posters and photographs. As a result, we have the occurrence of more than one permanent cinema in the period studied. The main film genres shown consisted of arts, comedies, dramas, children's programs and natural views.

**Keywords:** history; cinema; Pirapora.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Montes Claros, campus Januária.  
Contato: [martinsjailson36@gmail.com](mailto:martinsjailson36@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros, campus Januária.  
Contato: [dvoamaral@gmail.com](mailto:dvoamaral@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Curso de Educação Física e Mestrado em História da Universidade Estadual de Feira de Santana.  
Contato: [fsnunes@uefs.br](mailto:fsnunes@uefs.br)



## INTRODUÇÃO

O cinema foi uma das principais opções de divertimento do início do Século XX, em diferentes regiões do Brasil (SOUZA, 2004; SILVA, 2021; FONSECA, 2002; PINHEIRO *ET AL.*, 2020; SACRAMENTO, 2021; TRUSZ, 2010). Em Minas Gerais, pesquisas recentes apontam que, no final da década de 1910, estavam em funcionamento 252 (duzentos e cinquenta e dois) estabelecimentos com cinematógrafos, oferecendo projeções fílmicas para os moradores de 139 (cento e trinta e nove) cidades e 72 (setenta e dois) distritos. Em outras palavras, ou seja, aproximadamente uma em cada quatro localidades mineiras já podia contar com um cinema permanente (AMARAL; ANÍSIO, 2021). Assim, não surpreende o fato desse estado configurar-se, à época, como um dos pontos do território nacional com maior oferta relativa de casas para exibição de filmes e espetáculos artísticos (DIAS, 2018).

A presença privilegiada do cinema nas vivências lúdicas dos mineiros no início do século passado é reforçada por uma série de pesquisas realizadas nos últimos anos, apontando, com maior ou menor profundidade, para o lugar de importância das projeções em diferentes cidades do estado, a exemplo de Belo Horizonte, Barbacena, Campanha, Claudio, Diamantina, Divinópolis, Itajubá, Juiz de Fora, Montes Claros, Oliveira, Ouro Preto, Pouso Alegre, São João del-Rei, Uberaba e Uberlândia (RODRIGUES, 2006; SILVA, 2021; NOGUEIRA JUNIOR, 2017; AMARAL; DIAS; ANÍSIO, 2022; OLIVEIRA, 2016; AMARAL; ANÍSIO, 2021; SOARES, 2018; CARVALHO, 2010; AMARAL; DIAS, 2017; BIBBÓ, 2017; SADI; ADÃO, 2011; SILVA, 2017).

No caso mais específico do Norte mineiro – região constituída, em 1922, segundo relatórios da Secretaria de Finanças do Estado, de 29 (vinte e nove) sedes municipais,<sup>4</sup> que administravam politicamente 159 (cento e cinquenta e nove) distritos –, estavam em atividade à época 16 (dezesesseis) casas de exibições cinematográficas, distribuídas por 11 (onze) cidades e 3 (três) distritos. Esses dados representam, aproximadamente, 7% do conjunto de nucleações contempladas com casas permanentes de cinema (MINAS GERAIS, v. IV, 1926, p. 332-342).

Mesmo se tratando de uma das regiões com os menores índices de desenvolvimento deste tipo de negócio<sup>5</sup>, a inauguração dos primeiros cinemas na porção Norte de Minas

---

<sup>4</sup> Essas 29 sedes municipais eram: Araçuaí, Bocaiuva, Brasília, Capelinha, Conceição do Serro, Curvelo, Diamantina, Fortaleza, Guanhães, Grão Mogol, Inconfidência, Januária, Jequitinhonha, João Pinheiro, Minas Novas, Montes Claros, Paraopeba, Paracatu, Peçanha, Rio Pardo, Pirapora, São Francisco, São João Batista, São João Evangelista, Salina, Sant'Ana dos Ferros, Serro, Teófilo Otoni, Tremedal (MINAS GERAIS, 1923, p. 369).

<sup>5</sup> A título de comparação, nas regiões do Triângulo, Oeste e Centro, nas quais é possível obter dados mais detalhados da configuração geopolítica e de cinemas funcionando no final da década de 1910, foram contabilizados, respectivamente, 31%, 25% e 17% de cidades e distritos atendidos por salas de projeções permanentes (MINAS GERAIS, v. IV, 1926, p. 332-342).



Gerais transfigurou a cultura urbana das nucleações pioneiras, tornando-se símbolo de modernidade e integração das experiências dos grandes centros urbanos. Mais do que isso, o cinema revestia-se do poder “[...] de tirar os homens do chão sem sair do lugar, arrancando-os de seu cotidiano e conduzindo-os ao lugar dos sonhos”, nas palavras de Eliane Kuster (2015, p. 220).

Dias, Machado e Hosken (2019) argumentam que a vida cultural, em Minas Gerais, no início do Século XX, ainda que grandemente marcada pela tradição do mundo rural, sofreu progressivamente uma espécie de “[...] pequena revolução dos costumes”. Segundo esses autores, processos de crescimento demográfico, ampliação da malha ferroviária, assimilação da produção agropecuária em circuitos de exportação, bem como relações de trabalho cada vez mais engendradas por pagamentos em dinheiro criaram condições materiais, ainda que precárias, para uma ampliação do mercado consumidor interno, o que afetaria também entretenimentos urbanos diversificados, incluindo casas cinematográficas.

No mesmo sentido, oportunidades mais abundantes de acesso a um comércio lúdico inovador eram parte fundamental da dinâmica de modernidade das cidades, o que ajuda a explicar um engajamento das elites mineiras, às vezes “quase obsessivo”, na reivindicação de ampliação das estruturas de lazer urbano (AMARAL; DIAS, 2017). Nesse cenário, o cinema adquiriu um *status* privilegiado no preenchimento dos desejos simbólicos de sofisticação e progresso dos costumes preconizados por grupos letrados (AMARAL; DIAS; ANÍSIO, 2022).

Sobre a história dos primórdios do cinema na região norte mineira, pesquisas acadêmicas sobre este tema são ainda pouco numerosas. Em linhas gerais, apenas as cidades de Diamantina e Montes Claros receberam incursões que desvelaram alguns aspectos da inauguração e do funcionamento de casas voltadas para a exibição de projetores cinematográficos.

No caso de Diamantina, por exemplo, Oliveira (2016) oferece registros da passagem de cinematógrafos ambulantes por essa cidade a partir de 1902; e da inauguração dos primeiros estabelecimentos permanentes, sendo eles, o Cinema Pathé, inaugurado em 1909, e o Cinema Ideal, inaugurado em 1912. Já, no caso de Montes Claros, Carvalho (2010) retrata o processo de transição do cinema ambulante, com os primeiros exibidores datados de 1905, para os primeiros prédios especializados tendo, no final da década de 1910, com uma existência efêmera, os cinemas Recreio e Popular; e na década de 1920, estabelecimentos de maior longevidade, como foi o caso do Cine Theatro Renascença, que funcionou entre os anos de 1921 e 1926.

Com efeito, ainda que os exemplos acima denotem incursões de grande valor, essas



pesquisas representam menos de 2% das nucleações que compunham o norte mineiro no início do século passado, o que indica a inadiável necessidade de novos trabalhos que tragam elementos inéditos da gênese e do desenvolvimento histórico do cinema nessa região do estado. Nesses termos, ao buscar ampliar o estado de conhecimento a respeito do assunto, o artigo ora em tela tem por objetivo examinar os primeiros anos de funcionamento do cinema permanente na cidade de Pirapora. De forma mais detalhada, busca-se investigar, entre 1912 e 1914, período marcado pela inauguração das primeiras casas cinematográficas, os antecedentes, as variáveis influenciadoras e o funcionamento dos primeiros espaços especializados em exibições fílmicas na sede piraporense.

Este estudo se trata de uma pesquisa documental. As principais fontes mobilizadas foram exemplares do jornal “O Pirapora”, produzido na cidade homônima, com edições disponíveis para consulta no *site* da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, nos anos de 1912 a 1914. Esse conjunto documental reúne 88 (oitenta e oito) edições, correspondendo a sequencialmente, quase todas as tiragens que circularam no período em análise. Seus exemplares, publicados sempre aos domingos, oferecem uma gama significativa de notícias, envolvendo iniciativas comerciais de cinema permanente na cidade, cujas edições supracitadas coincidem com a inauguração dos primeiros edifícios de cinema, permitindo acompanhar alguns aspectos das iniciativas pioneiras.

Como salienta Silva (2012), ao tomar a imprensa como fonte de pesquisa, é fundamental contextualizá-la para o período em estudo. Só assim, é possível estar atento às diversas tramas não explicitadas diretamente no que é publicado, a exemplo das redes de interesses e defesa de visões de mundo refletidas nas páginas dos impressos. Tais aspectos podem ser percebidos nas matérias, nos cronistas, nos editores, nos anúncios, entre outros. Sobre a contribuição desse tipo de fonte para estudos que tratam da história das cidades e de suas vivências cotidianas, Vieira (2007, p. 13) informa que a imprensa permite uma visão ampla da experiência cidadina, “dos personagens ilustres aos anônimos, do plano público ao privado, do político ao econômico, do cotidiano ao evento, da segurança pública às esferas cultural e educacional”. Ainda segundo o autor, “nela encontramos projetos políticos e visões de mundo e vislumbramos, em ampla medida, a complexidade dos conflitos e das experiências sociais.

De forma secundária, a pesquisa mobilizou questionários agrícolas e dados censitários do governo estadual disponíveis no catálogo digital da Biblioteca do Ministério da Fazenda,<sup>6</sup> com dados de demografia, produção, exportação, trabalhadores, salários, estrutura urbana e prédios com aparelhos de cinematógrafos em funcionamento na parte cidadina de Pirapora.

---

<sup>6</sup> Biblioteca do Ministério da Fazenda. Disponível em: <[memoria.org.br](http://memoria.org.br)>.



Também recorremos aos cartazes de exibições de filmes, publicados nas fontes jornalísticas, e fotografias, especialmente de transportes e aspectos panorâmicos da cidade, cotejados no *site* do Arquivo Público Mineiro<sup>7</sup>.

### ANTECEDENTES DO CINEMA PERMANENTE EM PIRAPORA

No final de fevereiro de 1912, a sede cidadina de Pirapora recebeu a visita “[...] dos já bem conhecidos Irmãos Castro [...]”, com a promessa de oferecer, ao público local, projeções de fitas “[...] nacionais e estrangeiras [...]” em um “[...] excelente e moderno [...]” aparelho cinematográfico (O PIRAPORA, 25 fev. 1912, p. 1). Na semana de estreia, registros de imprensa dão conta de que a empresa ambulante conhecida como Cinema Brasil (Figura 1) proporcionou “[...] esplêndidos e concorridos espetáculos [...]”, exibindo, na sala em que foi improvisada, “[...] uma chic coleção de fitas naturais [...]”, tendo como chamada principal imagens do funeral, realizado no Rio de Janeiro, do “[...] eminente e estadista [...]” Barão do Rio Branco (O PIRAPORA, 17 mar. 1912, p. 2).



**Figura 1.** Cartaz de um dos eventos cinematográficos promovidos pelo Cinema Brasil.  
Fonte: O PIRAPORA, 17 mar. 1912, p. 2.

É possível conjecturar que as primeiras experiências dos moradores de Pirapora com projeções de imagens tenham ocorrido por intermédio de empresas itinerantes do ramo do entretenimento. A partir dos primeiros anos do Século XX, tornaram-se mais frequentes notícias de excursões pelo território mineiro, de companhias artísticas de variedades ou agentes especializados em cinematógrafo, que comercializavam ingressos para a exibição de filmes. Na região oeste de Minas Gerais, por exemplo, entre os anos de 1900 e 1910, os

<sup>7</sup> APM ([cultura.mg.gov.br](http://cultura.mg.gov.br)).



empresários Sr. Carlos Leal (1903, 1906, 1910), Sr. Braga & Cia (1905), Sr. Antenor Souza (1906), Sr. Antônio Machado (1906), Sr. Araújo & Cia (1906), Sr. Atilio Volpe (1906) e Sr. André Bello (1909) são alguns nomes que, em turnês por localidades como Bom Sucesso, Carmo da Mata, Divinópolis, Itapeverica, Oliveira e São João del-Rei, aparecem em registros de jornais anunciando sessões de cinema ambulante (FERNANDES, 2019; AMARAL, ANÍSIO, 2021).

A capacidade de deslocamento desses grupos se relacionava, como é presumível, com a disponibilidade dos transportes. Xavier, Amaral e Dias (2019), ao pesquisarem sobre a história dos circos em Minas Gerais, no final do Século XIX, apontam para a inauguração de linhas ferroviárias como um elemento facilitador da circulação de espetáculos desse tipo. Diferente das dificuldades dos veículos de tração animal, o uso de vagões ferroviários possibilitava, nas palavras dos autores, “[...] transporte mais rápido, seguro, confortável e barato para os artistas envolvidos nas companhias itinerantes” (XAVIER, AMARAL; DIAS, 2019, p. 140). Ainda segundo os autores, cidades atendidas por ferrovias eram potencialmente mais atrativas, visto que indicavam a existência de mercados mais prósperos, ou seja, com público investido de dinheiro para a compra de entradas para os espetáculos.

Em Pirapora, uma estação ferroviária da Estrada de Ferro Central do Brasil foi oficialmente inaugurada no dia 28 de maio de 1910, conectando a pequena nucleação do norte mineiro com a capital do Brasil, à época, o Rio de Janeiro, e a capital mineira, Belo Horizonte; além da integração, por meio de uma complexa teia de entroncamentos ferroviários, com as demais regiões mineiras atendidas por ferrovias (MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 423). O desembarque na sede piraporense dos Irmãos Castro, proprietários do Cinema Brasil, ocorreu justamente no contexto da chegada dos trilhos da nova ferrovia, o que, apesar dos vagões constituírem-se como um agente facilitador, não significa dizer que antes da ferrovia exibidores ambulantes pudessem ter visitado a cidade ou mesmo que o Cinema Brasil tenha desembarcado em Pirapora valendo-se da ferrovia.

Na década final do Século XIX, Pirapora, cidade banhada e situada na margem esquerda do rio São Francisco (Figura 2), vivenciou um expressivo crescimento da circulação de pessoas, mercadorias e informações, processos motivados pela efetivação dos serviços de vapores. Segundo Neves (1999), antes do período ferroviário, a principal forma de transporte da população local se dava por meio de embarcações, que se conectavam, especialmente, com portos da Bahia, cuja dependência das águas do São Francisco transformava Pirapora em uma espécie de “civilização fluvial”. Em 1892, a exemplo, jornais mineiros já falavam do “[...] melhor êxito [...]” dos serviços de transporte



fluvial oferecidos por vapores que, no trajeto completo entre o porto de Juazeiro, Bahia e o porto de Pirapora, atingiam diversas nucleações marginais do rio São Francisco (O PHAROL, 28 ago. 1892, p. 1).



**Figura 2.** Vista panorâmica do Rio São Francisco e, ao fundo, a cidade de Pirapora (entre 1910 e 1920). Fonte: Arquivo Público Mineiro, notação OM-2-001 (12).

Na virada para o século passado, companhias e empresários ambulantes que comercializavam espetáculos artísticos de circo, teatro, tourada e cinematógrafo nas excursões pelo Recôncavo Baiano, atingiam inicialmente o porto da capital baiana, Salvador, acessando na sequência vapores com destino ao porto da cidade de Cachoeira, completando o percurso até Feira de Santana, ponto limite das excursões, com o uso de trilhos ferroviários (NUNES, 2021).

Nesse mesmo período, em outra rota mais diretamente relacionada com Pirapora, Reginaldo Carvalho da Silva, na obra “Dionísio pelos trilhos do trem: circo e teatro no interior da Bahia, Brasil, na primeira metade do Século XX” (2018), descreve um trânsito relativamente intenso de grupos artísticos itinerantes que excursionaram pelas principais cidades beneficiadas pela inauguração e ampliação, a partir de 1900, dos trilhos da Estrada de Ferro São Francisco (Figura 3), as quais eram: Alagoinhas, Serrinha, Senhor do Bonfim e Juazeiro. Partindo da capital Salvador, o novo empreendimento percorria a margem direita do rio São Francisco, facilitando o escoamento de mercadorias e gêneros rurais dessa região baiana e do norte mineiro, este último com sua produção enviada, dentro de vapores, para o porto de Juazeiro, não por acaso, destino final dos trilhos ferroviários.

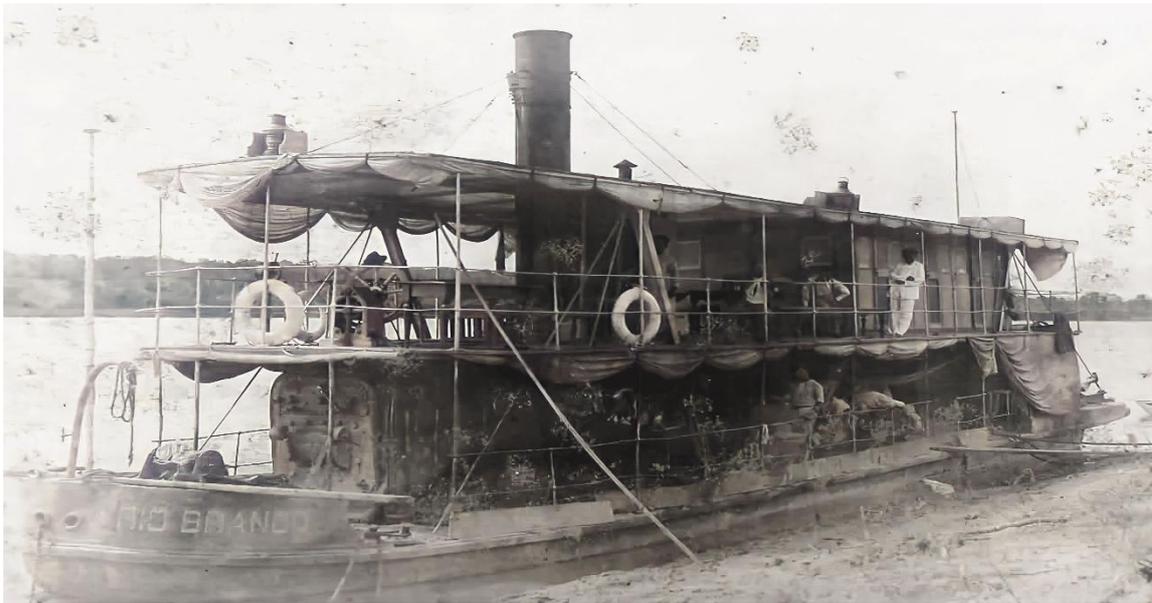


**Figura 3.** Estrada de Ferro São Francisco, estação de Alagoinhas, BA, c. 1900.  
Fonte: Arquivo Público Mineiro, notação NCS-215.

Não seria exagero, portanto, especular que companhias artísticas de variedades e empresários do ramo do cinema, partindo da capital Salvador para turnês em um circuito de cidades atendidas pela Estrada de Ferro São Francisco acessassem, ao final do trajeto, no porto de Juazeiro, vapores (Figura 4) com destino ao Norte das Minas, escolhendo, como um dos itinerários, a cidade de Pirapora, principal porto de transporte fluvial do lado mineiro<sup>8</sup>. Uma evidência a esse respeito pode ser encontrada no itinerário do Cinema Brasil, dos irmãos Castro. “Alguns meses após sua excursão por Pirapora, o cinema ambulante encontrava-se em turnê na Bahia, coincidentemente, em cidades pontilhadas por trilhos da ferrovia São Francisco” (SILVA, 2014, p. 246).

---

<sup>8</sup> Pesquisas futuras poderão realizar levantamentos detalhados em jornais impressos das cidades baianas atendidas pela Estrada de Ferro São Francisco, especialmente Juazeiro, buscando conexões entre as turnês de grupos artísticos realizadas na Bahia e o uso de vapores para a constituição de um circuito de viagens para a oferta de espetáculos no Norte mineiro.



**Figura 4.** Vapor Rio Branco, rio São Francisco, porto de Pirapora, 1923.  
Fonte: Arquivo Público Mineiro, notação NCS-228.

Em meados de julho de 1912, Pirapora recebeu a visita de outra empresa ambulante do ramo cinematográfico, qual seja, Gomes & irmãos, cuja estreia ocorreu na noite do dia 23, com “[...] um empolgante programa de filmes”. Segundo informações da imprensa, a empresa pretendia se estabelecer de forma permanente na cidade. Para tanto, adquiriu uma sala improvisada, denominando o estabelecimento de “Cinema Progresso”, tendo, de um lado, instalado um “[...] moderno aparelho cinematográfico movido a luz elétrica [...]”, e de outro, firmado contrato com “[...] importante casa fornecedora de filmes [...]”, na intenção de “[...] poder sempre oferecer novidades do gênero” (O PIRAPORA, 23 jul. 1912, p. 2; 4 ago. 1912, p. 2). A instalação do primeiro cinema permanente de Pirapora ocorreu no momento da ampliação das atividades de indústrias e setores agropecuários, o que proporcionou novas e mais ocupações de mão-de-obra assalariada, ampliando, também, por consequência, a atividade comercial da cidade.

Com a inauguração da Estrada de Ferro Central do Brasil, Pirapora passou a realizar um “ativo comércio” com Belo Horizonte e o Rio de Janeiro, este último, maior e principal centro consumidor do país, somando-se ainda as relações de negócios já existentes com a Bahia, por meio da navegação do “[...] majestoso São Francisco” (O PIRAPORA, 13 jul. 1913, p. 1). Nos meses finais de 1911, encontramos duas informações de volumes de exportação da Central do Brasil em Pirapora: a primeira, do mês de novembro, quando partiram, nos vagões ferroviários, 810.409 (oitocentos e dez mil, quatrocentos e nove) quilos de mercadorias; a segunda, do mês seguinte, tendo o número saltado para 1.089.450 (um



milhão, oitenta e nove mil, quatrocentos e cinquenta) quilos de mercadorias (O PIRAPORA, 10 dez. 1911, p. 1; 14 jan. de 1912, p. 2).

O aumento do fluxo de mercadorias também foi sentido no transporte fluvial. Em 1912, um cronista anônimo denunciou a “exiguidade” de embarcações com destino ao porto de Juazeiro, BA, mais precisamente, dois vapores, Pirapora e Mata Machado, sendo eles insuficientes diante do “[...] crescido número de passageiros e extraordinária abundância de cargas”<sup>9</sup> (O PIRAPORA, 15 set. 1912, p. 1).

Não demorou para a imprensa noticiar uma série de investimentos em empreendimentos industriais e ampliação produtiva dos setores agropecuários. No caso das indústrias, apenas nos anos de 1912 e 1913, podemos citar as seguintes inaugurações: Fábrica de Calçados Veado (1912), Fábrica de Fiação e Tecidos Piraporense (1912), Fábrica de Serraria e Ferraria Sr. Bertolino Ribeiro (1912), Fábrica de Gelo Sr. José Sans (1913), Fábrica de Cortume Nascimento & Carvalho (1913), Fábrica de Móveis Sr. Marcolino Lima (1913), Fábrica de Bebidas Sr. Raul Passos (1913) e Fábrica de Quadros Tipografia Nascimento (1913) (cf., respectivamente, O PIRAPORA, 27 out. 1912, p. 4; 21 jul. 1912, p. 1; 22 set. 1912, p. 2; 26 jan. 1913, p. 1; 6 jul. 1913, p. 1; 3 ago. 1913, p. 1; 26 out. 1913, p. 2; 22 mar. 1913, p. 3).

Já os setores rurais, que empregavam a maior parte da mão de obra local,<sup>10</sup> cujas principais produções eram abóbora, açúcar, aguardente, algodão, arroz, couro, feijão, gado bovino, milho e toucinho (MINAS GERAIS, v. III, 1926), dinamizaram seus trabalhos com o incremento de maquinários agrícolas e aquisição de novos rebanhos. Em janeiro de 1912, por exemplo, o Coronel Caetano Mascarenhas fez o pedido, da Inglaterra, de uma “[...] aperfeiçoada máquina para beneficiar arroz e descarregar algodão”, sendo a mesma instalada na sua fazenda denominada Nova Instância (O PIRAPORA, 7 jan. 1912, p. 2).

Também no ramo da produção de arroz, em dezembro do ano seguinte, na fazenda “Viveiros”, o Sr. Altino Mascarenhas inaugurou o serviço de irrigação intensiva, procedimento dirigido pelo seu sócio, o Sr. Barcker (O PIRAPORA, 14 dez. 1913, p. 2). Em outro exemplo, datado de julho de 1912, a empresa *Brasil Land Cattle and Packing*

---

<sup>9</sup> Em 1913, reforçando a dinamização comercial do município, os registros de movimento do porto de Pirapora já trazem referências de seis vapores, Engenheiro Halfeld, Mata Machado, Paracatu, Pirapora, Prudente de Moraes e Rio Branco, além de pequenas lanchas que faziam transportes de pequenos volumes de cargas e passageiros, em trajetos mais curtos, a exemplo das lanchas Araçy, Bueno Brandão, Cometa, Francisco de Sá, Januária, Paulo de Frontin, Primavera e Wenceslau Braz (O PIRAPORA, 8 jun. 1913, p. 2; 22 jun. 1913, p. 2; 17 ago. 1913, p. 1; 7 set. 1913, p. 2; 7 dez. 1913, p. 1).

<sup>10</sup> Em 1920, quando é possível encontrar dados de profissões mais detalhados do município de Pirapora, dos 6.382 (seis mil, trezentos e oitenta e dois) trabalhadores que declararam suas profissões nesse ano, 4.222 (quatro mil, duzentos e vinte e dois), isto é, 66%, diziam estar empregados na exploração do solo (MINAS GERAIS, v. III, 1926).



*Company*, adquiriu 14 (catorze) fazendas em Pirapora, com uma área de “[...] mais de 100 léguas quadradas [...]”, na intenção de importar 1.800 (mil e oitocentos) reprodutores bovinos e distribuir sobre suas propriedades (O PIRAPORA, 28 jul. 1912, p. 1).

Na esteira da ampliação e diversificação produtiva, processos que beneficiavam a contratação de mão de obra local,<sup>11</sup> circulação de dinheiro e expansão potencial do mercado consumidor, comércios e serviços urbanos precisaram aprimorar suas estruturas para melhor atender às novas demandas. Alfaiataria, ateliê fotográfico, bilhar, café, cassino, consultório médico e dentário, farmácia, hotéis, padaria, sapataria, salões de barbeiro e cabelereiro são alguns dos novos empreendimentos anunciados pela imprensa na sede piraporense (cf., respectivamente, O PIRAPORA, 4 fev. 1912, p. 2; 3 mar. 1912, p. 2; 14 abr. 1912, p. 1; 1 dez. 1912, p. 3; 5 jan. 1913, p. 1; 8 jun. 1913, p. 4; 17 ago. 1913, p. 3; 7 dez. 1913, p. 3). Foi nesse cenário que o primeiro cinema permanente de Pirapora foi inaugurado, ensejando uma significativa oportunidade de fonte de renda para os empresários que ofereciam tal serviço.

De outra parte, além da motivação comercial, a inauguração do Cinema Progresso dramatizava os desejos de civilidade preconizados por grupos letrados. O próprio nome do cinema (Progresso), cujo programa inaugural foi celebrado na imprensa como “esplêndido” e “chique”, já denunciava suas pretensões de sofisticação. No início de setembro de 1912, os empresários compraram algumas casas nas imediações do Largo da Matriz, pretendendo “[...] levantar um novo prédio, vasto e confortável, onde deverá funcionar o esplêndido Cinema Progresso” (O PIRAPORA, 8 set. 1912, p. 1).

As obras tiveram início na segunda semana de novembro. Na imprensa, notas foram veiculadas elogiando a iniciativa que, na visão dos cronistas, ocuparia o lugar de “[...] edificações inconvenientes que infestam Pirapora”, expressando transformações modernizadoras mais amplas que se processavam na sede cidadina, a exemplo das inaugurações da biblioteca pública, dos novos prédios da Câmara Municipal e estação ferroviária, do observatório meteorológico e do serviço telefônico (O PIRAPORA, 26 nov. 1911, p. 1; 24 dez. 1911, p. 2; 21 jan. 1912, p. 2; 6 out. 1912, p. 1). Conforme uma dessas notas,

Com imensa satisfação vimos há dias a picareta demolidora destruindo os quatinhos, verdadeiros cortiços, que afeivavam o Largo de nossa capela e

---

<sup>11</sup> Documentos oficiais com os valores médios de ganhos diários dos trabalhadores rurais de Minas Gerais no final da década de 1910, revelam que pelo menos uma parte dos serviços prestados nos setores agropecuários eram remunerados. No município de Pirapora, as médias salariais aparecem da seguinte forma: 2\$000 (réis) diários com alimentação e 3\$000 (réis) diários sem alimentação (MINAS GERAIS, v. III, 1926).



onde o escândalo campeava, mesmo nas mais solenes horas do culto católico.

Nossos parabéns aos piraporenses e que o exemplo pegue contra tantos outros encravados na nossa cidade.

Nossos agradecimentos a adiantada empresa Gomes & Irmão (O PIRAPORA, 15 de nov. 1912, p. 2).

Entre novembro de 1912 e fevereiro de 1913, “[...] os Srs. Gomes & irmão atacaram com muita velocidade a construção do prédio do Cinema Progresso [...]”, que, embora com os trabalhos inconclusos, o novo espaço, em formato de improvisação, passou a oferecer “[...] boas noitadas” (O PIRAPORA, 2 fev. 1913, p. 2). Nesse intervalo, os empresários fizeram a aquisição de uma “[...] esplêndida máquina de projeção do afamado fabricante *Pathé Freres* de Pariz”, intencionando, segundo narrou um cronista anônimo, “[...] garantir ao público a mais perfeita exibição que se conhece no mundo cinematográfico” (O PIRAPORA, 15 dez. 1912, p. 2). Buscando ampliar as possibilidades de exploração comercial das diversões, o novo estabelecimento contou ainda, no intento de sua construção, com um restaurante e um salão de bilhar (O PIRAPORA, 8 set. 1912, p. 1).

Simultaneamente à construção do prédio do Cinema Progresso, o Coronel Adelino Baeta cuidou dos “últimos aprestos” para inauguração de um novo cinema – o Cinema Avenida. A ideia não era nova. Um ano antes, na ocasião da turnê do Cinema Brasil, de propriedade dos irmãos Castro, a imprensa já ventilava algum esforço do empresário para adquirir uma casa de diversões, adaptando nela uma sala permanente para exibição de filmes (O PIRAPORA, 11 fev. 1912, p. 2).

Contudo, num primeiro momento, a iniciativa, no linguajar da época, “gorou no ovo”. No início de fevereiro de 1913, efetivaram-se as intenções comerciais do Coronel Baeta, ao ser anunciada pela imprensa a montagem “quase concluída” do Cinema Avenida, faltando apenas para o seu funcionamento, segundo noticiou-se, “[...] a vinda de um projetor elétrico”. Com duas casas cinematográficas em vias de solidificação, cronistas da imprensa elogiaram os investimentos dos proprietários, reforçando seus desejos de refinamento e progresso comportamental: “Esses dois fatos vêm provar que Pirapora tem gosto pelo divertimento da moda – o cinematógrafo, demonstrando ao mesmo tempo o desenvolvimento da nossa população (O PIRAPORA, 2 fev. 1913, p. 2).

## **CINEMA AVENIDA E CINEMA PROGRESSO EM PIRAPORA**

No início de março de 1913, a imprensa de Pirapora já noticiava o funcionamento regular dos cinemas Avenida e Progresso (O PIRAPORA, 9 mar. 1913, p. 2). Não demorou para a folha local produzir, quase sempre na primeira página, com publicação esporádica, uma coluna denominada “Pelos Cinemas”, com a programação semanal das duas casas



cinematográficas. No dia 8 de junho, por exemplo, os programas foram detalhados da seguinte forma:

Pelos Cinemas

AVENIDA

Serão exibidos hoje:

- 1ª Parada Militar – Natural
- 2ª Entre Vizinhos – Comédia
- 3ª Margarida Pustella – Drama
- 4ª Quarto dos Fugueiros – Drama
- 5ª Oliveiro *Twist* – Drama

PROGRESSO

- 1ª Guy e Gontran – Comédia
- 2ª Noite Trágica – Drama
- 3ª No caminho da Rochela – Drama
- 4ª Roubo de um Brilhante – Drama
- 5ª Uma filha bem guardada – Comédia (O PIRAPORA, 8 jun. 1913, p. 1).

As duas casas cinematográficas atuaram como concorrentes até pelo menos o mês de setembro de 1913, abrindo suas portas nas noites de sábado e domingo. A escolha desses dois dias para exibições fílmicas se justificava pela sazonalidade que afetava boa parte da vida urbana de Minas Gerais no período, com certo marasmo nos dias úteis e animação um pouco maior nos finais de semana ou momentos de festas (Figura 5).



**Figura 5.** Cartaz do Cinema Progresso anunciando exibições nos finais de semana.  
Fonte: O PIRAPORA, 9 mar. 1913, p. 4.

Segundo Amaral, Dias e Anísio (2022, p. 04), era habitual que residências e mesmo estabelecimentos comerciais tivessem menor movimento de pessoas ao longo da semana, recebendo, nos finais de semana, um significativo incremento populacional de trabalhadores e moradores das fazendas e povoações rurais, que se deslocavam até a parte citadina para



“[...] assistir a missas, abastecerem-se e tomar parte em outras atividades sociais”. No caso de Pirapora em particular, em 1920, quando dispomos de dados geopolíticos mais detalhados, dos 10.691 (dez mil, seiscentos e noventa e um) moradores da cidade, aproximadamente 62% (6.722) residiam nas povoações de Buritis, Lassance, Porto Faria e Várzea da Palma (MINAS GERAIS, v. II, 1926).

Os principais gêneros cinematográficos se consistiam de artes, comédias, dramas, programas infantis e vistas naturais, esta última com o anúncio de títulos como: “Cascatas do Niagra”, “visita a uma cidade árabe”, “Phaté Jornal” ou ainda “carnaval de Nice” (cf., respectivamente, O PIRAPORA, 15 jun. 1913, p. 1; 22 jun. 1913, p. 2; 6 jul. 1913, p. 1). Além dos filmes, os cinemas Avenida e Progresso passaram a oferecer outros gêneros de espetáculos, seja contratando artistas, seja cedendo ou arrendando o espaço para conferências, reuniões e apresentações de amadores locais. Segundo o historiador José Inácio de Melo Souza (2004), a combinação de projeções com outras formas de espetáculos foi uma característica marcante das primeiras salas fixas de cinema, disseminadas pelo território brasileiro, a partir da segunda metade da década de 1900.

A cidade de Pirapora acompanhou essa tradição. Em meados de julho de 1913, o Cinema Avenida promoveu um “[...] espetáculo extraordinário [...]” de prestidigitação do professor Tilman, “[...] cognominado pela imprensa carioca – de domador de pulgas” (O PIRAPORA, 17 jul. 1913, p. 1). No início do mês seguinte, o Cinema Progresso ofereceu uma noite musical, tendo contratado uma “[...] excelente orquestra, dirigida por um hábil maestro” (O PIRAPORA, 3 ago. 1913, p. 2). Já em novembro de 1913, a irmandade católica São Vicente de Paula realizou no Cinema Avenida, cedido gratuitamente pelo Coronel Baeta Neves, uma sessão apologética, “[...] passa tempo literário científico, altamente distinto e de bom gosto [...]”, em benefício dos pobres socorridos (O PIRAPORA, 28 nov. 1913, p. 2). Também no Cinema Avenida, em outro exemplo, datado do último dia de novembro de 1913, o *Club Dramático Piraporense* fez a estreia do seu corpo de amadores. Dessa feita, a apresentação cênica recebeu a cobertura de um cronista anônimo:

Nesta confortável e bem montada casa de diversões, estreou o *Club Dramático Piraporense* levando a cena um variado e brilhante programa.

O drama “As duas mães” que teve irrepreensível interpretação, agradou grandemente. Peça calcada nos mais sãos princípios religiosos e patrióticos, entusiasmou a plateia que não regateou aos seus intérpretes os seus aplausos.

O Sr. Christovão de Faria e sua Sra. Lalá, já tem a sua reputação firmada de artistas – amadores consumados.

A comédia “A ordem é risonar” trouxe a plateia em constante hilaridade, sendo o Sr. C. de Faria um esplendido e impagável Turibio, provocando o riso até em seus próprios companheiros de cena.

Foi de uma graça irresistível. O Sr. Lycurgo Lucena, na comédia, foi um



garboso capitão, fazendo a dama, a Sra. Lalá, que, familiarizada com o palco, deu-lhe cabal desempenho. O criado foi desempenhando por mais um novo, o Sr. Alysson de Faria, que ainda sente algum acanhamento do palco.

[...] Parabéns aos sócios dessa bela associação, que vem dar mais uma nota *chic* em nossa bela cidade (O PIRAPORA, 30 nov. 1913, p. 1).

Na primeira semana de agosto de 1913, a imprensa piraporense noticiou o arrendamento do Cinema Progresso, que pretendiam os novos donos realizarem “[...] completa transformação desta casa de diversões [...]”, contratando uma orquestra permanente, construindo um palco e firmando parceria para o envio de filmes de “sucesso mundial” com uma “[...] acreditada casa do Rio de Janeiro” (O PIRAPORA, 3 ago. 1913, p. 2). Não obstante, as expectativas dos novos proprietários parecem não terem sido concretizadas, posto que, em novembro de 1913, a imprensa local já falava da extinção desse cinema. No prédio do cinema, ao invés das *chics* sessões cinematográficas, grupos das camadas populares organizaram uma sociedade de maxixe, dança mestiça brasileira com fortes traços negros (PEREIRA, 2021), promovendo ali reuniões e *soirées* dançantes. Essa situação foi percebida na imprensa como uma grave contradição, uma vez que impunha elementos considerados “incivilizados” a um dos principais símbolos de modernidade da cidade:

No salão do extinto Cinema Progresso, realizou-se domingo passado, uma “soirée” amaxixada e sifilítica, que foi uma triste nota para a nossa cidade, centro ainda muito pequeno para diversões desse gênero.

Pela partida inaugural vê-se que a associação promete, tendo aparecido em cena o revolver, a navalha e a carabina.

Em partidas futuras, quando o pessoal estiver mais instruído, teremos tripas de fora, cabeças quebradas e morte.

É só esperar um pouco (O PIRAPORA, 30 nov. 1913, p. 2).

Com o encerramento das atividades do Cinema Progresso, o Cinema Avenida passou a atuar sem concorrentes, monopolizando toda a demanda de exhibições fílmicas e espetáculos de variedades em Pirapora. Como consequência, uma das primeiras iniciativas do seu proprietário foi ampliar o número de sessões, introduzindo uma exibição adicional nas noites de quarta-feira, que, posteriormente, foi transferida para as noites de quinta-feira. Outra iniciativa foi a construção de um palco com “boas dimensões” para maior comodidade e recorrência da oferta de espetáculos promovidos por clubes locais e companhias artísticas itinerantes. Não é por outra razão que, em novembro de 1913, o Cinema Avenida passou a se apresentar na imprensa como Cinema Teatro Avenida, reforçando o interesse do Coronel Baeta Neves na diversificação das atrações da casa cinematográfica (O PIRAPORA, 30 nov. 1913, p. 1).



Em março de 1914, a Companhia Dramática dirigida pelo ator Bernardo de Abreu visitou Pirapora, intencionando promover uma longa temporada de espetáculos no Cinema Teatro Avenida. Sua estreia aconteceu no dia 15 de março, sendo levados ao palco o drama “Martha” e a comédia “Os milagres de Santo Antônio” (O PIRAPORA, 15 mar. 1914, p. 1). No decorrer de três meses, a imprensa local noticiou pelo menos nove espetáculos da trupe cênica, em noites de quinta-feira, sábado e domingo, após as exibições cinematográficas, em que foram encenados os dramas “Honra do General”, “O Negro”, “O Capitão Matheus”, “João José”, “O Dote” e “Deus e a Natureza”; as comédias “Rival Suposto”, “Tio Padre” e “Criados e Patrões”; e a opereta “Os dois Bebês”, com a orquestra dirigida pelo maestro Bueno Austício (cf., respectivamente, O PIRAPORA, 22 mar. 1914, p. 1; 29 mar. 1914, p. 2; 5 abr. 1914, p. 2; 26 abr. 1914, p. 2; 3 mai. 1914, p. 2; 10 mai. 1914, p. 1).

Ao longo do ano de 1914, outros eventos promovidos nas dependências do Cinema Teatro Avenida foram noticiados pela imprensa local. Em meados de fevereiro, um grupo de amadores organizou um “espetáculo dramático”, sendo levados à cena o drama “Jardim celestial”, a poesia “A judia” e o monólogo “Tasso no hospital dos doidos” (O PIRAPORA, 15 fev. 1913, p. 1). Em junho, foi a vez da festa em homenagem ao primeiro ano de existência do Pirapora *Foot-Ball Club*, tendo sido a casa de diversões “caprichosamente enfeitada” para receber um “[...] público seleta, desde gentis senhoritas à distintas senhoras e cavalheiros” (O PIRAPORA, 14 jun. 1914, p. 1).

No mês seguinte foram cantadas, no palco do cinema, duas canções pela artista Sra. Henry Bianca (O PIRAPORA, 26 jul. 1914, p. 1). Em outro registro, datado do início de setembro, uma sessão cinematográfica especial foi oferecida em benefício da construção da nova Igreja da Matriz. Para esse propósito, uma comissão de “distintas senhorinhas” encarregou-se de comercializar as entradas, cuja renda dos bilhetes seria direcionada para as obras do templo religioso:

No Cinema Teatro Avenida realiza-se terça-feira, uma sessão em benefício das obras de construção da nova Matriz. A comissão encarregada de sua construção espera que toda a população da cidade concorra a essa sessão. Tratando-se de uma obra justa, em qualquer dos sentidos que se queira torná-la, de crença e de embelezamento de nossa cidade, é justo que o povo contribua com o que lhe for possível a fim de que sua conclusão seja terminada dentro em pouco tempo.

Uma comissão de distintas senhorinhas encarregou-se de passar os bilhetes para essa simpática sessão (O PIRAPORA, 6 set. 1914, p. 1).

Em que pese esse alargamento de eventos particulares, espetáculos de variedades e sessões de caridade nas dependências do Cinema Teatro Avenida, as exibições fílmicas continuaram com o *status* de principal atração da casa de diversões. Segundo apontamentos de pesquisas recentes, a disponibilidade do público para assistir os filmes



projetados parecia ter, como aspecto fundamental, o volume ou a diversidade de títulos exibidos. “Quanto maior a oferta de filmes novos, maiores as chances de boa adesão do público, interessado, mais que tudo, ao que parece, em assistir novidades” (AMARAL; DIAS, 2019, p. 77).

As fontes primárias arroladas na pesquisa não oferecem informações sobre os contratos para a remessa de fitas a serem exibidas no “Avenida”. Sabe-se, contudo, que os filmes eram, na sua quase totalidade, da Nordisk, produtora dinamarquesa fundada em 1906, e que angariou, até pelo menos a primeira metade da década de 1910, prestígio e reconhecimento internacional (MASCARELLO, 2006).

A julgar pelas chamadas publicadas no jornal “O Pirapora”, é possível inferir para um contínuo recebimento de filmes novos, exceto quando, por problemas logísticos, os filmes não chegavam e a sessão era cancelada (O PIRAPORA, 11 jan. 1914, p. 1). Ao longo do ano de 1914, a imprensa da cidade publicou seis chamadas para sessões de filmes, das quais foram feitas referências de dezesseis títulos, o que sugere um esforço exitoso do empresário do cinema na oferta de fitas inéditas em cada sessão cinematográfica.<sup>12</sup>

Além do ineditismo das fitas, o empresário do cinema, na intenção de manter o engajamento do público, passou a distribuir cortesias ou ofertar bilhetes de entradas com descontos, especialmente para o público feminino. No final de outubro de 1914, a e.g., o cinema publicou um comunicado na imprensa, que dizia emitir “[...] cupons especiais para as senhoritas, do dia 1 de novembro em diante. A senhorita que adquirir para um mês frequentará as sessões do mês imediato, gratuitamente” (O PIRAPORA, 25 out. 1914, p. 1). Essa ideia parece estar atrelada a pelo menos dois interesses comerciais: primeiro, forçava, em alguma medida, a aquisição de ingressos por familiares ou acompanhantes das mulheres que dispunham de bilhetes; segundo, aflorava o interesse do público masculino, visto que o cinema, nas palavras de Igor Silva (2020, p. 09), “[...] poderia possibilitar encontros amorosos”.

O certo é que a empresa do Cinema Teatro Avenida conseguiu angariar público suficiente para a manutenção do empreendimento até, pelo menos, o início da segunda década do Século XX. Os registros do jornal “O Pirapora” encerram-se em novembro de 1914; conseqüentemente, desapareceram consigo as notícias do “Avenida”. Em 1920, no entanto, censos estaduais com a relação das instalações cinematográficas em

---

<sup>12</sup> Esses 16 títulos anunciados foram: Amor Sublime (drama), Boneca de Nini (drama infantil), Culpado não culpado (drama), Dama Branca (drama), Dívida do Imperador (drama), Humilde Herói (drama), Lago de Hymelberg (vista natural), O bando do Zapatas (sem o gênero artístico), O Golfo de Sôr (vista natural), O inverno e seus prazeres (vista natural), O passado (drama), Pequeno Limpá Chaminés (drama), Que país alegre (comédia), Senhora estudante (drama), Tenebrosa (drama) e Zoé (drama) (cf., respectivamente, O PIRAPORA, 5 jul. 1914, p. 1; 26 jul. 1914, p. 1; 6 set. 1914, p. 1; 20 set. 1914, p. 1; 25 out. 1914, p. 1; 1 nov. 1914, p. 1).



funcionamento no estado mineiro comprovavam que o Cinema Teatro Avenida se mantinha em funcionamento, ou seja, completando sete anos de existência, oferecendo três sessões semanais (provavelmente permanecendo na quinta-feira, sábado e domingo), e estava sob a administração de um novo proprietário, o Sr. Oswaldo Nascimento (MINAS GERAIS, v. IV, 1926).

Ainda que os registros jornalísticos não apresentem referências dos valores dos ingressos e da quantidade de público nas sessões, presume-se que se tratava de um negócio lucrativo; caso contrário, a casa de diversões não atuaria com tanta longevidade, sendo talvez, um dos estabelecimentos mais bem sucedidos do norte mineiro no período em análise. Cabe lembrar que, em outras localidades dessa região do estado, como é o caso da cidade de Montes Claros, apesar da existência de cinematógrafos nessa mesma época, “[...] o funcionamento destes era efêmero” (ALVES; NETO; SILVA, 2019, p. 06).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do conjunto de fontes arroladas neste curto recorte temporal não encerra as discussões sobre o período embrionário do cinema permanente na cidade de Pirapora. Ao contrário, embora as abordagens apresentadas neste artigo possuam caráter introdutório, elas apontam para uma multiplicidade de perguntas que ainda precisam ser respondidas. Antes do Cinema Brasil, dos Irmãos Castro, outras empresas itinerantes de projeção fílmica visitaram Pirapora? Será que essas empresas chegavam até a cidade valendo-se de vapores que saíam de Juazeiro, BA? Como foi a organização do Cinema Teatro Avenida entre o final de 1914 e o início de 1920, período para o qual não dispomos de fontes jornalísticas? E, após o ano de 1920, até quando sua existência foi prolongada? Enfim, somente com a produção de novas pesquisas será possível encontrar elementos inéditos do cinema permanente em Pirapora.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rogério Othon Teixeira; NETO, Georgino Jorge de Souza; SILVA, Luciano Pereira da Silva. O Trem-de-ferro e o cinema em Montes Claros – MG: A projeção de um divertimento pelos trilhos de um sertão mineiro, **Revistas UFRJ**, v.2, n.2, 2019. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/30996>. Acesso em: 17 de dezembro de 2024.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; ANÍSIO, Edimar Reni. Cultura, modernidade e desenvolvimento econômico: o advento do cinema permanente em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1916. **Revista brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 8, n. 3, 2021.



AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237- 261, 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber; ANÍSIO, Edimar Reni. História do lazer em Claudio, Minas Gerais, c. 1888-1920. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 28, 2022.

BIBBÓ, Caroline Bertarelli. **Divertimentos em Ouro Preto no final do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

CARVALHO, Jailson Dias. **Lazer, cinema e modernidade: um estudo sobre a exibição cinematográfica em Montes Claros (MG), 1900-1940**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2010.

DIAS, Cleber. Mercantilização do lazer no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, 2018.

DIAS, Cleber; MACHADO, Ana Flávia; HOSKEN, Vinicius Morais Silveira. O espaço da cultura em Minas Gerais: aglomerações territoriais, desenvolvimento socioeconômico e concentração regional entre 1920 e 2010. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 29, n. especial, 2019.

FERNANDES, Marcos Antônio. **A modernidade e os cinemas na cidade de São João del-Rei (1905-1961): registros arquitetônicos do teatro Municipal, Cine Glória e Clube Teatral Arthur Azevedo**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei, 2019.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **"Fazendo Fita": Cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930**. Salvador: Edufba, 2002

KUSTER, Eliana. Desejo de cinema, desejo de modernidade. **Tempo Social**, São Paulo, v. 27, n. 1, 2015.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

NEVES, Zanoni. **Pirapora: ensaios de tempos idos**. Belo Horizonte: NECM, 1999.

NOGUEIRA JÚNIOR, João Martins. **Uma história dos divertimentos do sul mineiro: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930)**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

NUNES, Fábio Santana. **Pelos vapores e trens, do hipódromo ao stadium: esporte e lazer em Feira de Santana - BA (1875-1922)**. 2021. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Belo Horizonte, 2021.

OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. **O teatro e algumas diversões em Diamantina: uma história registrada pela imprensa (1888-1915)**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

PEREIRA, Juliana da Conceição. **Da cidade nova aos palcos: uma história social do maxixe**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2021.

PINHEIRO, Welington da Costa; DIAS, Douglas da Cunha; MATOS, Lucília da Silva; BAHIA, Mirleide Char. Práticas de Lazer e Sociabilidade na Belém do Pará dos Anos de 1920. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 82–111, 2020. DOI: 10.35699/2447-6218.2020.21815. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/21815>. Acesso em: 17 dez. 2024.



RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **A constituição e o enraizamento do esporte na cidade**: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

SACRAMENTO, Beatriz Café. **“Me leve sempre ao cinema, vos suplico Santa Emma”**: o cinema e as elites em Feira de Santana (1912-1938) – 2021. (130 f.). Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2021.

SADI, Renato Sampaio; ADÃO, Kleber do Sacramento (Orgs.). **Lazer em São João del-Rei**: aspectos históricos, conceituais e políticos. São João del-Rei: UFSJ, 2011.

SILVA, Igor Maciel da. As mulheres de Barbacena (MG) e as sessões chique do cinema (anos de 1926 e 1927). **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, 2020.

SILVA, Igor Maciel da. Lindas, bonitas, gentis e graciosas nos divertimentos, práticas corporais e esportivas (Uberlândia e Uberaba – MG, 1918-1943). **Vozes, Pretérito & Devir**, v. 7, n. 1, 2017.

SILVA, Igor Maciel da. **O mais completo dos sports espirituais**: o cinema silencioso em Barbacena (Minas Gerais 1914-1931). Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021.

SILVA, Luciano Pereira da. **Em Nome da Modernidade**: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926) - Tese (Doutorado em História da educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

SILVA, Reginaldo Carvalho da. **Dionísio pelos trilhos do trem**: circo e teatro no sertão do Brasil. Curitiba: CRV, 2018.

SOARES, Priscila Gonçalves. História das práticas corporais e diversões na Zona da Mata Mineira: indícios a partir da imprensa de Cataguazes/MG e Juiz de Fora/MG. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 4, 2018.

SOUZA, José Inácio de Melo. **Imagens do passado**: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

TRUSZ, Alice Dubina. O cruzamento de tradições visuais nos espetáculos de projeções ópticas realizados em Porto Alegre entre 1861 e 1908. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v.18. n.1. p. 129-178. jan.- jul. 2010.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (Org.). **Cinco estudos em história e historiografia da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 11-40.

XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS Cleber. Cultura, ferrovias e desenvolvimento econômico: circos em Minas Gerais no final do século 19. **Revista de História Regional**, v. 24, n. 1, 2019.

## FONTES PRIMÁRIAS

MINAS GERAIS. Secretaria das Finanças. **Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Raul Soares de Moura**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923.

MINAS GERAIS. Secretaria de Agricultura. Serviço de Estatística Geral. **Anuário estatístico**: ano 1 (1921), v. II III e IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

**O PHAROL**, 28 AGO. 1892, P. 1.



- O PIRAPORA, 1 DEZ. 1912, P. 3.
- O PIRAPORA, 1 NOV. 1914, P. 1.
- O PIRAPORA, 10 DEZ. 1911, P. 1.
- O PIRAPORA, 10 MAI. 1914, P. 1.
- O PIRAPORA, 11 JAN. 1914, P. 1.
- O PIRAPORA, 13 JUL. 1913, P. 1.
- O PIRAPORA, 14 ABR. 1912, P. 1.
- O PIRAPORA, 14 DEZ. 1913, P. 2.
- O PIRAPORA, 14 JAN. DE 1912, P. 2.
- O PIRAPORA, 14 JUN. 1914, P. 1.
- O PIRAPORA, 15 DE NOV. 1912, P. 2.
- O PIRAPORA, 15 DEZ. 1912, P. 2.
- O PIRAPORA, 15 FEV. 1913, P. 1.
- O PIRAPORA, 15 JUN. 1913, P. 1.
- O PIRAPORA, 15 MAR. 1914, P. 1.
- O PIRAPORA, 15 SET. 1912, P. 1.
- O PIRAPORA, 17 AGO. 1913, P. 3.
- O PIRAPORA, 17 JUL. 1913, P. 1.
- O PIRAPORA, 17 MAR. 1912, P. 2.
- O PIRAPORA, 2 FEV. 1913, P. 2.
- O PIRAPORA, 20 SET. 1914, P. 1.
- O PIRAPORA, 21 JAN. 1912, P. 2.
- O PIRAPORA, 21 JUL. 1912, P. 1.
- O PIRAPORA, 22 JUN. 1913, P. 2.
- O PIRAPORA, 22 MAR. 1913, P. 3.
- O PIRAPORA, 22 MAR. 1914, P. 1.
- O PIRAPORA, 22 SET. 1912, P. 2.
- O PIRAPORA, 23 JUL. 1912, P. 2.
- O PIRAPORA, 24 DEZ. 1911, P. 2.
- O PIRAPORA, 25 FEV. 1912, P. 1.
- O PIRAPORA, 25 OUT. 1914, P. 1.
- O PIRAPORA, 26 ABR. 1914, P. 2.
- O PIRAPORA, 26 JAN. 1913, P. 1.
- O PIRAPORA, 26 JUL. 1914, P. 1.
- O PIRAPORA, 26 NOV. 1911, P. 1.
- O PIRAPORA, 26 OUT. 1913, P. 2.



- O PIRAPORA, 28 JUL. 1912, P. 1.**
- O PIRAPORA, 28 NOV. 1913, P. 2.**
- O PIRAPORA, 29 MAR. 1914, P. 2.**
- O PIRAPORA, 3 AGO. 1913, P. 1.**
- O PIRAPORA, 3 AGO. 1913, P. 2.**
- O PIRAPORA, 3 MAI. 1914, P. 2.**
- O PIRAPORA, 3 MAR. 1912, P. 2.**
- O PIRAPORA, 30 NOV. 1913, P. 1.**
- O PIRAPORA, 30 NOV. 1913, P. 2.**
- O PIRAPORA, 4 AGO. 1912, P. 2.**
- O PIRAPORA, 4 FEV. 1912, P. 2.**
- O PIRAPORA, 5 ABR. 1914, P. 2.**
- O PIRAPORA, 5 JAN. 1913, P. 1.**
- O PIRAPORA, 5 JUL. 1914, P. 1.**
- O PIRAPORA, 6 JUL. 1913, P. 1.**
- O PIRAPORA, 6 OUT. 1912, P. 1.**
- O PIRAPORA, 6 SET. 1914, P. 1.**
- O PIRAPORA, 6 SET. 1914, P. 2.**
- O PIRAPORA, 7 AGO. 1913, P. 1.**
- O PIRAPORA, 7 DEZ. 1913, P. 1.**
- O PIRAPORA, 7 DEZ. 1913, P. 3.**
- O PIRAPORA, 7 JAN. 1912, P. 2.**
- O PIRAPORA, 7 SET. 1913, P. 2.**
- O PIRAPORA, 8 JUN. 1913, P. 1.**
- O PIRAPORA, 8 JUN. 1913, P. 2.**
- O PIRAPORA, 8 JUN. 1913, P. 4.**
- O PIRAPORA, 8 SET. 1912, P. 1.**
- O PIRAPORA, 9 MAR. 1913, P. 2.**
- O PIRAPORA, 9 MAR. 1913, P. 4.**